

# VOL. I. A GRINALDA. N. 8.

## JORNAL DOS DOMINGOS.

DOMINGO 23 DE SETEMBRO DE 1848.

Na lida da humana vida  
Deve por-se de permeio,  
P'ra suavisar o trabalho,  
Adistracção e o recreio.

---

A GRINALDA. Subscreve-se nas lojas de papel dos Srs. Cardozo & Comp.<sup>o</sup>, rua do Ouvidor n.<sup>o</sup> 91; Passos na mesma rua n.<sup>o</sup> 152; Teixeira & comp.<sup>o</sup> rua dos Ourives n.<sup>o</sup> 21, a 2<sup>000</sup> rs. por 12 numeros, avulso 200 rs.

---

### AS TRES FLORES

(Canto Virginico-instructivo.)

DE

JOSÉ ANTONIO DO VALLE.

As flores, que nascem na alma de uma virgem, tem o aroma da candida virtude, e rendem a satisfaçā morat indinida do seio de Deos, que nos não é dado entender.

Tão pura como os anjos, a virgem lê a historia da humanidade, e conhece a sua relaçā com o Creador,

Feliz é ella unicamente na terra.

### TERCEIRA PARTE.

DE UMA VIRGEM.

Estavam Bernardo e Rosinha entretidos em sua habitoal conversa, e por isso não viram Thimoteo com sua filha Angelica, que atravessando um verde e alastrado melancjal, havia subido a proxima coxilha e se internado no capão até bem junto d'elles.

Thimoteo e Angelica ouviram a instructiva lição de Bernardo.

—Como são tão consoladoras as vossas palavras, disse o primeiro á este; si quizesseis ensinar á minha filhinha Angelica essas cousas, ella havia de comprehender. Já sabe de cõr, e de traz para diante, a carta de nomes, que o Vigário de S. Anna lhe deu e lhe ensinou numa só vez. Hade ter uma cabeça de espantar! Minha filhinha? Heim! que dizes?

E o carinhoso pão asagava a menina Angelica com a mais simples ternura.

Rosinha, que a amava como a sua irmã, riu-se e chegando-se para ella lhe apertou a mão, abraçou-a e lhe beijou a fina e vermelhinha face.

—Tu serás a minha companheira, lhe disse então; ouvirás como eu as suas lições e nos recordaremos ambas.

Dous anjos, desde esse instante, se uniram para nunca mais se separarem; e os velhos, contentes e amigos, foram festejar em sua casa a ventura que ali os reunira.

Angelica e Rosinha, uma semana depois deste dia, passeavam pensativas no aprazivel *Capão do Ipé*, quando deram com Bernardo, assentado sobre um cerne de grapiapunha, risinho a contemplá-las.

—Angelica já sabe a nossa lição, exclamou Rosinha; diz-nos por piedade alguma cousa mais. Estais; meu paesinho, tão reservado! Nós não precisamos saber mais cousa alguma? Podemos chamar-nos de sabias, como aquellas gregas que se lêm nas *Viagens de Antenor*? Que livro tão bonito!

—Nem um homem deve chamar-se de sabio; é esse um título vão que nada significa. Quanto mais sabemos mais conhecemos as relações que nos falta descobrir entre a existencia das cousas, mesmo as mais trevias.

—Então não ha realmente homem sabio?

—Estando um dia um desses abalizados homens, que passam toda a sua vida no estudo da natureza, á borda de um oasis, que são ilhotas de verdura no meio desses mares de areias dos desertos da Africa, morrendo de sede e de calma, lhe apareceu um joven e rustico arabe de Senegal, o qual vento-o assim procurou algumas folhas da *nepentha* e lhe deu a beber o liquido da urna que termina cada uma d'ellas. O pretendido sabio foi salvo assim da morte, e voltando á sua patria confessou a sua ignorância

à respeito de cousas mesmo as mais sabidas e uzaes entre os barbaros que elle visitara.

—Mas não é necessário saber as cousas?

—E' sem dúvida, minha filhinha; todavia não devemos acreditar que sabemos mais do que os outros, ou que sahemos tudo de modo que nos possamos chamar de sabios.

—Que lição tão boal exclamou Angelica; a gente não deve ser vaidosa, e chamar-se o que nunca poderá vir a ser!

—E a lição que nos prometeste? meu pae-sininho.

—Senteimos-nos, minhas meninas.

—Ainda não vimos, meu pae-sininho, o que toda a gente chama sciencia.

—Sciencia, ou é todo o conhecimento certo, ou uma série de conhecimentos encadeados de baixo de uma única relação. Podemos chamar sciencia ao conhecimento que temos da existencia do rio, que ali corre junto á povoação de S. Anna, ou da existencia de qualquer outra causa; assim como chainaremos sciencia á Astronomia, á Philosophia ou outro qualquer corpo de principios e deducções.

—Então existem muitas sciencias, perguntou Angelica.

—Sim. Como são trez os nossos sentidos e por conseguinte trez os meios porque recebemos os conhecimentos, em trez divisões também podemos collocar todas as sciencias.

—Já entendo, meu pae-sininho! Em sciencias physicas, metaphysicas e moraes! Não é assim? Não acertei?

—Exactamente, minha expertinha.

—E quaes são as physicas? perguntou Angelica.

—Aquellas, cujo conhecimento temos pelo sentido physico. Ellas se dividem em physica e Historia Natural.

—Do que trata a physica?

—De todas leis que regulam os fenomenos geraes, que sentiamos virificar-se diariamente debaixo de nossas vistas, ou que se passam sem que nós os saibamos, antes de entrar-mos no estudo d'esta sciencia. Quando chove, minha menina, este phemoneno tão trivial, não se passa sem uma causa muito simples quo os physicos conhecem e que explicam.

—E porque nos não explica Vm.?

—O sol manda os seus raios de calor sobre a terra e sobre as aguas; estas tornão-se em vapôr e mais leve do que o ar que gira em torno de nós, e por isso sobem ás regiões superiores formando as nuvens; a falta de calor de-

pois congeia, lá em cima, onde elas vagam. os vapores, e elas, tornadas mais presadas, cahem em virtude de seu peso em gotas de agua.

— Oh! eu não sabia o que era a chuva; diga-nos mais alguma coisa.

— A physica ou trata das leis que regem as atrações á grandes distancias, e então chama-se propriamente physica! ou trata das leis que regem as atrações á pequenas distancias, isto é, da composição e decomposição dos corpos, e então chama-se Chymica.

— E a historia Natural o que é, meu pae-sinho.

— E' a sciencia que trata da natureza material, isto é, dos corpos, de sua textura, de sua organisação, e das relações que elles offerecem entre si. Ella divide-se em Mineralogia, Phythologia ou Botanica e Zoologia.

— Do que trata a Mineralogia? perguntou Angelica.

— Dos mineraes, que são corpos inertes, que formam a terra, a agua, o ar, e todas as coisas sem vida.

— E a Phythologia?

— Trata de todas as plantas, da sua organisação, de sua vida e de suas relações mutuas.

— E a zoologia?

— Da-nos a conhecer os animaes, a sua organisação, e os phenomenos que elles apresentam.

— Uma coisa ainda, porém nos falta para melhor entendermos isto, disse Rosinha.

— Mas é agora já tarde; amanhã te direi o que queres. Vamos para casa.

O dia caminhava alto no ceo. Elles se retiraram.

E Bernardo foi pensando o que era a simplicidade da alma de uma virgem.

*(Continuará.)*

# O SENTIMENTO RELIGIOSO.

## CANÇÃO

Dedicada á meu illustre amigo, o Illum. Sr.

CARLOS LUIZ DE SAULES.

Alors de toutes parts un Dieu se fait entendre;  
Il se cache ou savant, se révèle au cœur tendre,  
Il doit moins se procurer qu'il ne doit se sentir.

(DE FONTAINES—Le Jour des morts.)

1.

Na casa do Deus,  
No templo sagrado  
Eu entrei sem susto,  
Mas fico prostado.

2.

O orgão sonoro,  
Ali reboando,  
Vai doce tristeza  
No peito entornando.

3.

Aqui as columnas,  
Ali as arcadas,  
Além em seus nichos  
Imagens sagradas.

4.

O astro do dia,  
O sol coruscante,  
Nas nossas igrejas  
Não entra brilhante.

5.

As sombras, quo reinam  
Nos sanctos lugares,  
As mentes elevam  
A grandes pensares.

6.

Ah! como péqueno!  
Ah! como acanhado!  
O homem parece  
No templo sagrado.

7.

Lembrando-se o ente  
Do barro saído,  
Que à pó algum dia  
Será reduzido.

8.

Então o soberbo,  
O homem ferino,  
Prostrado confessa  
*Eu creio em Deus Trino.*

J. C. Fernandes Pinheiro Junior.

## O SINO.

(Continuação.)

## V.

E' o dia de festa na aldêa.

Os sinos da ermita soão, e levão seus echos cheios de magnificencia até os lugares mais remotos da terra.

Tudo é contentamento e riso.

E mais alto, mais sonoro do que nunca, o sino repica e repica sem cessar.

A multidão de camponezes se juntão em breve em torno da igreja, conversão, abração-se e gosão o prazer do dia da festa.

Ahi se aproximão as raparigas da aldêa, ouvirão o seu sino, trajão as suas roupas mais novas, e em suas fisionomias se pinta a sectividades; como vem louçaãs! como é seu porte simples, mas magestoso! este é dia de todas as suas esperanças, depois da festa irão dansar para a herdade do parrocho.

Quadro divino! scena a mais brilhante das pompas humanas! quanto é de lastimar o pagão miserável, que se arrasta vilmente sem conhecer as bellesas deste dia!

Entre os trabalhos e fadigas do campo o lavrador descobre os praseres corrompidos das cidades; nem aprecia os divertimentos profanos, todos os divertimentos na aldêa são sagrados, mesmo em suas choupanas: depois de cançado, vai á festa da igreja recuperar suas forças, animar sua alma, e depois não arado pesado não ha terra dura, que o seo braço não faça logo submeter á sua vontade. O ar lhe parece mais leve, a lua mais brilhante, o sol menos quente, o suor mais refrigerante; porque quando elle estiver prestes a esmorecer, o sino tangará essas melodias vibrantes e esses toques de consolo calmárao á lida do campo.—

E mais alto, mais sonoro do que nunca, o sino repica e repica sem cessar.

E o dia de festa, tudo corre alegre a ouvir o sermão; nem cabe mais povo no templo modesto da aldêa. Todos estão alegres, contentes, satisfeitos, felizes e animados de vivo interesse pelo dia brilhante.

O instrumento de bronze que pende da terra, mais que nunca soa alto, e a sua voz desperta alegria na alma;

porqne no dia de festa o sino é mais interessante, mais harmonioso, mais desordenado em sua musica.

Esta alegria me arrebata, estou cheio de amor pelo sábio instituidor da igreja christã; juntai-vos a mim e ve-de como estes homens rusticos, como vós dizeis, são intel-ligentes em suas festas!

Não ha riquezas nas suas pompas: mas ha simplicidade nella, e esta seduz mais, porque é a alura que sente.

Começou o dia com alegria, com alegria acabará.—

Agora iremos juntos à tarde à herdade do parocho, lá assistiremos à innocenté dança do dia festivo.—

Contemplemos a espanção de prazer que realça em todos estes rostos lindos das robustas raparigas do campo, suas graças, são mais puras do que as da cidade, sua dança mais elegante, mais honesta.

Oh sim! tudo é bello e puro.

E mais alto, mais sonoro do que nunca o sino ripica sem cessar.—

## VI

Que duros e vibrantes sons atordoão os ares com estan-pido?

Que confusão, que ruído, como tudo se move! correm sem ordem os camponezes na aldêa, o que aconteceu?

Há guerra, ent'os algua banda de saltedores, que novidade? E o sino da torre soava, vibrando com terrível estampido pelas trevas da noite.

Há fogo na aldêa, o sino toca a fogo.

Por toda a parte se ouvem gritos agudos e penetrantes, a aldêa está em tumulto: parece o dia do furacão.

Huma chamma viva subia em columna a té o céo; era a choupana de um honrado lavrador que ardia: elle accordou com o sino, e a cada pancada do bronze um terror paníco precorría seu corpo: de que tremes? sicas infeliz? não, para ti há teus vizinhos e teus parentes, que te socorrerão, e depois de alguns dias terás meios para reconstruir a choupana.—

Os sons do sino pareciam lamentações de desespero, vibravão como trovão no meio da planice. E' fogo, é fogo! gritavão todos, e todos em confusão corrião, desaparecendo na escuridão da noite, e tornavão mais alumiados ainda, perto do incendio.—

O primeiro signal de fogo dado pelo sino, é assustador; um medo inexplicavel apodera-se de nossa alma; e attentos, e mudos nós contamos ás badaladas uma a uma, e parece estarmos ouvindo a hora do suppicio.

E mesmo assim, quando em terriveis ondulações geme a torre, o espectáculo é immenso, nós amamos ainda este musica terrivel.—

O rouco rebombar do trovão, indica que nos ares tudo está em fogo; o sino do fogo, que a aldêa arde: são sempre irmãos estes signaes de terror; mas magnificos e bellos.—

Não seria de grande e sublime belleza a tormenta que destruia Jerusalem!

E o sino da aldêa soava, vibrando com terrivel estampido pelas trevas da noite.

Fespondião os montes, respondia a planice e os homens amedrontados pelo fogo que consumia o colmo.

Em breve tudo cessou: eu ouvia ao longe o sino; dormindo sonhei com elle.

Assim tu, quando longe, em tormentosa noite recorda-te que o teu sino toca à musica da tormenta.

Tudo cessou, succeden ao immenso ruido, a quietação mais completa, à noite adiantava-se medonha e escura.

E só o lastimoso suspirar; mas brando e doce da agua da fonte, confundia-se na agitação do ar em torno da torre: a ave da noite piou, o seu grito agudo lembrou-me o dia da agonia: a imaginação pintava-me fogo e terror, da scene que acabara de presenciar.—

Do cimiterio levantavão-se densos vapores alvos, semilhantes a fantasmas acordados pelopiar nocturno; caminhavão lentamente e surrião-se por entre as pedras e as cruzes.

Nesta hora, depois do fogo tudo se teme, e sobressaltados no leito do descanso, não achamos somno.

Inquietos, afflictos com tudo que nós cerca, sentimos com medoelho retinir os sons da natureza assustada; e julgamos ouvir ainda o sino da aldêa soar, vibrando com terrivel estampido pelas trevas da noite.—

O sino agora dorme em sua torre.

## CANTO BIBLICO.

Recitado por uma alumna interna do Collegio das Orphas  
em Assemblea Geral da imperial sociedade Amante da  
Instrucção

E oferecido á mesma Sociedade  
PELA

Iilm. Sra. D. Maria Izabel de Lemos  
Dignissima Regente do mesmo Collegio e Professora da  
Aula de S. Bento.

## I.

Vede, Jerusalém magnifica, o que somos e o que eramos  
nós!

Há bem poucos sabbados que entrámos o límiar das portas  
dos vossos muros com os cabellos soltos e cobertos de cin-  
za, porque uma grande calamidade nos affligia: a morte  
de nossos paes, a perda de nossos rebanhos e o incendio  
de nossos celleiros.

E nós choravamos como as filhas de Israel na estrangeira  
terra de Nabucodonosor.

E clamavainos como si Holofernes dévastasse as nossas ci-  
dades.

E estávamos sós e desoladas como a mãe de Ismael na  
vasta extenção do deserto.

E nós éramos como as florinhas das montanhas, vendo ao  
longe correr as aguas abundantes do Jordão, e murchau-  
ndo e seccando aos raios do sol.

E nós éramos como os cordeirinhos dos valles, dispersos e  
sem pastor que os reunisse ao som dos tymbales.

E nós éramos filhas sem pae que nos alimentasse, e sem mãe  
que nos beijasse as faces.

Como Job, nós não sabíamos aonde ir, e nem tiubhamos  
quem nos guiasse pela mão.

## II.

Entramos porem as vossas portas. Vós, Jerusalém formosa,  
nos acolhestes, e nos beijastes as faces como si fosses  
nossa mãe, e nos alimentastes como si fosses nosso pae.

E nos enchesastes o coração de socego, e da paz do espirito.

E nos regastes a alma de alegria como o bom hortelão rega  
as ervas e as flores de agua fresca na hora da tarde.

E nos réunistes como faz o bom pastor as suas ovelhinhas.

E nos desteis um tecto, um leito e vestidos alvos como a neve

E nos servistes o banquete da nossa patria com os cordeiros e os fructos dos vossos campos, á que assistiram todas as vossas filhas virgens.

E nos guiaſtes, entoando hymnos sagrados, ate junto ao tabernaculo do Senhor Deos dos Exercitos, construido pelo rei propheta David, e guardando no templo de Solomão.

E nos nos prostramos ahí, e nos lembraſmos do que tinhamos ſido e o que eramos então.

### III.

Sublime rei dos reis! Grande dominador de Jerusalem celeste, mandai as vossas bençāos sobre a nova Jerusalem da terra, que surge tão linda e tão radiante da vossa gloria.

E abençoai a geração que lançou as primeiras pedras de seus alicerces.

E abençoai os seus patriarchas, e o seu povo e as filhas de suas filhas.

### EXISTO PARA TI SÓ'.

Logo abaixo de Deus e perto de minha mãe, existo para ti só! assim se exprimia Odilia dando-me um amor perfeito. Era uma simples florinha amarella e roixa, com pequenas linhas escuras sobre a parte mais clara do seu fundo. De todas as que se levantavão no canteiro era a mais pequena, a mais rasteira,

Beijava a terra e escondia-se entre as suas folhas.

Perto da roseira, que lho dava abrigo, que a tinha visto nascere, ella, muda, exprimiu sua gratidão singela.

Ella tinha nascido de uma pequena semontinha singela.

Perto do jasmim, que perguicoso parecia querer abafá-la, ella não se queixava da sua violencia.

Ella era filha de uma mãe, que também nascera de baixo desse jasmimeiro.

Perto do alecrim que a burrisava de suas folhinhas secas, ella não se lamentava do seu desprezo.

Porque a sua pureza era imaculavel, ninguém a poderia manchar; quando o sopro da tarde passasse, levaria com si o tudo que a desprezasse.

Quando chorava a manhã, lançando suas gotas de orvalho, apenas a mais pequena e mimosa poderia ser sustentada—com as outras mais pesadas morreria de oppri-mida.

E' tão modesta esta florinha, que jamais vive ostentando magestade—ella é bem pequenina e singela!

Parece mesmo ser triste.

Parece ser a mais novinha de suas companheiras.

Têm um não sei que de pudor, que a faz amada; eu de-leito-me, quando a vejo no seu limitado paiz.

Jamais a vi brilhar com o sol; brillando jamais se levantou às outras presumpções.

De tarde á hora do crepusculo, levanta-se pouco e pouco, abre a sua carolasinha e olha acanhada em torno.

De manhã vergonhosa se recente do brilhante que se deposita em seu seio; parece, de medo, querer fugir—constrangida de sua prezença: ah! mas ella o ama em segredo—ama-o com o mysterio do pudor.

E abrigado em seu célo, o máosinho não se retira; goza em seus medos da mais preciosa doçura.

E' um amanto que vem do céo para amal-a com ternura.

Elle é uma lagrima de anjo, cahida sobre a terra e procurando uma palpebra inocente para se esconder.

Quando cahir chorada dirão que é uma gota de orvalho.

E esta florinha é a sua imagem, como ella parece fugir aos meus afagos e ella existe para mim só.

Ella esconde-se no santuario da sua alma e pensa—pensa ah! ella pensa em mim; existe para mim só!

Levanta-se sem ostentação, volve os olhos a sua mãe, depois a mim; que parece dizer-me: existo para ti só!

O seu amor é um amor unico; jamais conbeceu outro, sempre o mesmo, sempre singelo, como amor de flor—elle é só meu. Seu respirar, seus suspiros, sua voz, seu coração: é tudo meu. Meu viver—o meu amar, é só della.

E' um amor-perfeito no jardim da minha existencia; de manhã, e de tarde ao crepusculo eu vou suspirar; meus suspiros sobem aos ares e de lá cahem n'uma linda pequenina gota encerrados.

E essa gota vai esconder-se em seu seio.

Seu seio, é o calix desse amor-perfeito, abrigado pelos meus sentimentos.

E' a sua imagem.

Sim, ella existe para mim só!.

Quando formar um raminho para offertar-lhe, entre outras pequenas flores formosas, ou lhe mandarei um amor-perfeito.

Porque eu existo também para ella só!

## O GRAVATA'

Mimoso, tenro e humilde vegetal !

Porque não chamaste para ti os olhos d'aquelle; que por aqui passou ha pouco, e que agora vejo embrenhar-se no interior do matto, descuidoso e com uma expressão alegre ?

E que elle é um ignorante, e não entendeu a tua linguagem.

Não sabe que fallas com a maior simplicidade palavras doces e suaves.

Si te elle entendesse !

Esse teu existir assim tão isolado sobre a terra humida da borda do charco; esse teu reostar ahí na pedra por acaso atirada ás hervinhas que viveram alegres no solo que ella cobre; esse teu imbricado de folhas lanceoladas e de bordos espinhosos, sobre um pedunculo floral elegante e mimoso; esse cacho de florinhas assim reunidas e tendo de commum um eixo unico; essas bracteas escamadas que protegem a vida misteriosa de cada mãe-siuha dos fructos; esses teus órgãos sexuaes; e em sim a tua existencia vivaz, são palavras tão claras, tão positivas e tão agradaveis ás orelhas dos sabios !

E o que dizes nellas? mimosa, tenra e humilde planta !

\* Eu sou uma bromeliacéa. Vivaz e sem que pereça sou o symbolo da perpetuidade, e a imagem do innocente, porque assim como em cada anno dispo minhas folhas, meu pedunculo e minhas flores, para receber mais bellas partes, assim elle na morte despe os paramentos da terra para receber maior gloria e viver mais brillante no seio do Senhor Deos.

« Sem caule para erguer-me acima das outras plantas, acho me rasteira, e humilde na terra sem temer os estragos do suracão, assim como o justo reservado na sua modesta vivenda não tem os vaís-vens da fortuna e os desagrados dos poderosos.

« Tenho minhas folhas espinhosas, estreitas e alongadas, reunidas desde as raizes fibroas, assim como as alpas se juntam nos sagrados laços da amizade.

« Tenho flores em espiga escamada, representando a sociedade dos homens, debaixo de um só pensamento e subordinada a um elo de dever e de interesse; e assim como as minhas florinhas não vivem de outro modo, assim elles também não poderiam viver e ser felizes de outra sorte.

« Eu tenho um calix, estames, e pistilos lindos como o seio das virgens, tão puros como a alma dos bemaventurados; e felizes como os anjos do ceo. »

Como é harmonioso o teu canto, rasteiro e humilde vegetal !  
E entende-o o ignorante? Oh não! que elle aqui passou ha pouco—e foi descuidoso embrenhar-se lá no matto.

E o sabio? Oh sim! Elle pára junto ás tuas folhas, assenta-se sobre a pedra em que te encostas, e lê a tua vida, o teu nascimento e a tua morte, estuda a lição que lhes dás no teu existir tranquillo, identifica-se contigo e torna-se mais sabio ainda, porque a tua sorte é a sorte de todos os seres, a sorte mesma da humanidade.

Feliz é o sabio!

Trabalhai, Oh homens todos, para sérdes; si o não poderdes, entrae nos misterios da religião do Deos-homem, aprendendo a verdadeira sabiduria—a moral e a liberdade humana—a sciencia da virtude.

Eu te amo, rasteiro e humilde vegetal!

Foste tu—mimoso Gravatá—planta da beira do mar, da borda do lago, do charcoso mangue e ainda do arenoso ou pedregoso terreno, que mais de uma vez me chamaste para o caminho do dever.

Eu te amo como se ama ao aio desvelado! Tu me tapizaste o berço nos dias da minha infancia.

Tu és Gravatá rasteiro, a planta da minha terra bem-querida. Lembras-te um dia, quando começaste a fallar-me e eu a entender teus monossyllabos misteriosos—o que me disseste?

« Eu sou irmão do annanaz—e como elle tive a mesma mãe; mas elle é procurado e acariciado, e eu desfio aqui na solidão. »

Deixa, te disse eu, essas caricias enganadóras dos homens; contenta-te com os bens do ceo. Deos reparte com igualdade o sol e a chuva sobre ti e sobre o annanaz.

Tu és rasteiro, Gravatá, mais vives tranquillo, ninguem te vai perturbar e repousa na tua solidão. E o annanaz?—bem cedo a mão ceifadora e maligna do homem lhe corta a vida prematura. A tua, é a sorte dos humildes mas felizes da terra; o da annanaz, é a sorte dos grandes e soberbos da terra.

Rasteiro e humilde Gravatá, viva assim com a tua solidão e a tua felicidade—vive contente na borda do charco—e viceja sem invejar a sorte do annanaz.

E eu, um dia, revendo-me no espelho das tuas gottas de orvalho, te direi suspirando amor e placido prazer—« Tu és a minha imagem. »

## MOTE.

Quando Amor dispara o arco,  
Dobra o joelho a razão.

## GLOZA.

Promette o amante Marco,  
A rainha Egypcia Roma,  
E esta promessa assoma  
Quando Amor dispara o arco :  
Este heroe que não foi parco,  
Cego d'ardente paixão,  
Perde a vida nesta acção ;  
Pois onde o Amor impera,  
O juizo degenera,  
Dobra o joelho a razão.

## OUTRA.

Morre Cleopetra e Marco,  
Lucrecia perde honra e vida,  
Troia e Grecia é destruída  
Quando Amor dispara o arco :  
A sciencia de Aristarcho,  
Dobra-se ao rijo sarpão ;  
Contra Amor não ha brazão,  
Tudo é igual, sabio, rude,  
Nâo ha vicio, nem virtude,  
Dobra o joelho a razão.

## OUTRA.

Nem com ser no Estygio charco  
Mergulhado Achilles forte,  
Deixa de sofrer o corte  
Quando Amor dispara o arco :  
Charonte suspende o barco  
Quando elle põem-lhe o sarpão,  
Jove da tonante mão  
Larga o raio fulminante ;  
Emfini ao poder amante  
Dobra o joelho a razão.

## ANECDOTAS

—Então vens ou não vens? dizia um sujeito a outro que conversava e puxando-o pelo braço.

—Vou, vou já.

E continuava parado. O primeiro tendo assás esperado e não querendo estar mais pelos autos tornou-lhe:

—Vens ou não?

—Está bom, disse o 2.º, vai andando de vagar até tal parte que eu n'um instante l'estou nas ancas.

Certo sujeito que tinha o mau habito de perder quanto lenço lhe ia ás mãos, queixava-se d'isso a um amigo n'un dia em que a Fortuna o persegoira. O amigo, apenas o 1.º acabou a sua queixosa cantilena, solta estas palavras com ar heroico: —Ora homem! que mau costume! Irra! E não o perdes... sempre te conheci assim perdigão! (O pobre diabo queria dizer perdedor...)

Um estudante, mas um d'esses estudantes de truz, passeava uma noite, quando viu n'uma janelha tirar certa moçinha das mãos d'uma criança uma vara de capim: o Dito sem detença lh'o pedio, e a Dita sem detença lh'o entregou dizendo-lhe « que fizesse bom uso d'elle, que o Dito bem o merecia. » (Sáfa! Esta é d'embatucar!)

Por D.

## CHARADAS.

1.

Existe em Roma mui principalmente;  
Mas nas cidades todas sóe estar—1  
Si no fui um só m lhe acrescentas,  
E' particula, serve de affirmar—1  
E com Jacob tu foste despossada,  
Tu que por este nome eras tratada—2

E' um nome muito amado  
Dos musicos—festejado.

Quando um amigo vai d'outro ao encontro,  
Qual é a prima causa que elle faz?—1.<sup>a</sup> 2.<sup>a</sup> e 5.<sup>a</sup>  
Deve julgar-se rico e mui dioso  
Aquelle que comigo vive em paz—1.<sup>a</sup> 2.<sup>a</sup> e 4.<sup>a</sup>

Filha da cruel ausência  
É esta eterna paixão  
Que se nutre d'esperanças  
No sensível coração.

Obriga a lagrimas tristes,  
Obriga a sentidos ais,  
Nem só humanos obriga,  
Inda a brutos animaes.

## 3.

O sorrir da madrugada—2  
Da noiteira está pendente—1

E na quadra pluviosa  
Da chuva desceide a gente.

Por D. F.

## 4.

Dentro de um elemento  
Eu gosto sempre de estar.—1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup>  
Se sustento porque o fiz,  
O caso posso afirmar—2<sup>a</sup>

É frágil meu abrigo  
Sirvo a outro metralha  
Nada valho, e sou preciso  
Para furos destapar.  
Alguns por economistas  
Prolongão minha existencia,  
Outros, porém, me destroem  
Sem fazer eu resistencia.

Explicação das Charadas do n.<sup>o</sup> 7—1. Cicero—2. Boaventura—3. Judeos—4. Abalisado—5. Falsario.